

Elementos de Análise do Discurso para uma epistemologia da Lingüística

VALDIR FLORES*
UNIJUÍ - PUCRS

1 - INTRODUÇÃO

Este texto pretende estudar a relação entre a Análise do Discurso de linha francesa (AD), oriunda dos trabalhos de Michel Pêcheux, e a lingüística estrutural, tal como é entendida a partir de Saussure, para, com base na contraposição das concepções que têm, derivar algumas reflexões sobre o objeto da lingüística. A forma inicial deste objetivo pode sugerir que falo de uma dicotomia estanque e proporcionar, conseqüentemente, a interpretação de que tais áreas são mutuamente excludentes. Não é isso que quero enfatizar ao colocá-las em relação. Minha intenção é mais um esforço de estabelecer os contatos existentes do que propriamente opô-las.

Essa discussão insere-se em uma preocupação maior, qual seja, de investigar em que sentido outras formulações teóricas sobre a linguagem problematizam o campo do estruturalismo lingüístico de uma perspectiva, de certa forma, exterior a esse próprio campo'. É em função dessa preocupação que, em outros

* Doutorando em Letras - PUCRS

¹ Ao recorrer à idéia de exterioridade penso que acrescento mais um argumento em prol da demarcação do objeto da ciência. Assim, considerarei equivocada toda interpretação que atribuir ao termo "exterioridade" um valor semântico sinônimo de "não-pertinência", pois demarcar a exterioridade de uma área do saber não implica a ingênua postura de excluí-la do fato a ser estudado.

trabalhos, faço as mesmas indagações à psicanálise e à filosofia'. Assim, acredito que ao mesmo tempo que se estabelece uma epistemologia da lingüística clássica também se problematiza seus limites e seu objeto. Ora, o objeto da lingüística é de tal forma circunscrito que na sua exterioridade estão questões importantes que a ele retornam pela ordem do dizer. Entretanto, o retorno do excluído à teoria excludente não pode ser feito sem um questionamento da ciência enquanto um domínio do saber já constituído e com identidade própria. Em outras palavras, não penso em ignorar a lingüística ao falar de lingüística.

Nesse sentido, estarei limitado a uma leitura epistemológica sem que por isso esteja obrigado a uma descrição exaustiva de conceitos. Interessa-me mais o ponto de vista do qual as duas áreas, lingüística e AD, falam e quais indagações levantam quando confrontadas do que uma avaliação de suas possibilidades metodológicas. Em função disso, apresento a questão deste texto através da seguinte pergunta: *qual a crítica que a AD faz à lingüística e em que sentido essa crítica pode retornar à lingüística?* Assim, em primeiro lugar, buscarei no interior da teoria da AD os momentos que autorizam falar de relação crítica à lingüística clássica para, finalmente, fazer alguns encaminhamentos que deixarão entrever uma postura própria em torno da questão.

2 – DA LINGÜÍSTICA E DA AD

Parece desnecessário dizer (mas faço assim mesmo) que ao mesmo tempo que se pergunta a uma forma de construção de saberes como ela se constituiu enquanto objeto de conhecimento, e que se faz isso colocando-o em relação com um outro saber, não se está livre de falar das limitações inerentes a este outro saber, as-

¹ Cf. comunicação apresentada por ocasião do XI Encontro Nacional da ANPOLL "A representação do outro no discurso". Ver também: TEIXEIRA, M., FLORES, V. *Da subjetividade na linguagem: lingüística e psicanálise*. Ed. Unijuí, 1996. (Coleção Cadernos Unijuí); ver também, dos mesmos autores: *Necessidade e natureza da relação entre lingüística e psicanálise*. II Fórum sobre a Crise dos Paradigmas: Psicanálise e Educação. Faculdade de Educação da PUCRS/CPRS (Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul), out, 1996.

² Quero demarcar a perspectiva da qual falo com o sintagma "lingüística saussuriana" e sublinhar que, de acordo com meus propósitos, outros paradigmas lingüísticos como os de linha funcionalista ou gerativista em nada auxiliam no tratamento da linguagem que procurarei defender. Isso significa, em outras palavras, que o termo "lingüística" será aqui utilizado sempre relacionado ao paradigma estruturalista oriundo de Saussure.

sim, trata-se de pedir tanto à lingüística como à AD que se justifiquem enquanto possibilidades de abordar a 'linguagem'.

A relação da AD de Pêcheux com a teoria de Saussure está bastante clara no texto *Análise automática do discurso* (AAD) e dá-se através de uma severa crítica à dicotomia *langue/parole*. A questão discutida por Pêcheux é exatamente em torno do objeto da ciência lingüística ou de como este se constitui para, a partir disso, fundamentar a sua proposta de análise do discurso. Segundo Pêcheux, haveria, no *Curso de lingüística geral*, duas formas de definição conceitual do objeto *língua*: a primeira que trataria das propriedades do objeto e a segunda que o isolaria pela relação que mantém com outros objetos. É nesta segunda propriedade que Pêcheux vê duas exclusões teóricas: a exclusão da fala como o inacessível da ciência lingüística e a exclusão das instituições não-semiológicas do escopo da ciência.

A consequência disso é que, na interpretação de Pêcheux, através da dicotomia *língua/fala* Saussure autoriza a reaparição do conceito de sujeito livre. Se a *língua* é um sistema com regras universalmente válidas, a *fala* é um lugar de atividade individual do sujeito: "a fala enquanto uso da língua, aparece como o caminho da liberdade humana" (Pêcheux, 1990, p. 71). Pêcheux se contrapõe à dicotomia porque, em sua opinião, é inadequado explicar o funcionamento lingüístico pela referência a um sistema universal de regras, assim como é errado pensar um sujeito livre na base de toda atividade lingüística.

Para ilustrar sua crítica, Pêcheux exemplifica com o caso da frase: "A terra gira".

Conforme o contexto em que esta frase tenha sido produzida, é possível julgá-la normal ou não, isto é, caso sua produção seja anterior a Copérnico, seguramente o lingüista a conceberia como uma relação sintático-semântica, entre sujeito e atributo, internamente incompatível. Com isso, Pêcheux quer enfatizar que a oposição implicitamente estabelecida por Saussure entre o universal e o individual é equivocada. A proposta de Pêcheux é, pois, a de

"definir um nível intermediário entre a singularidade e a universalidade, a saber, a particularidade que define 'contratos' lingüísticos específicos de tal ou tal região do sistema, isto é, feixes de

³ Todas as referências históricas (biografias, cronologia, etc.) utilizadas, neste texto, foram retiradas de: DOSSE, F. *História do Estruturalismo I: o campo do signo, 1945/1966*. São Paulo: Ed. Ensaio, 1993; e, do mesmo autor: *História do Estruturalismo II: o canto do cisne, de 1967 a nossos dias*. São Paulo: Ed. Ensaio, 1994

normas mais ou menos localmente definidos, e desigualmente aptos a disseminar-se uns sobre os outros" (Pêcheux, 1990, p. 74).

Nessa região intermediária, situa-se o *discurso* que deve ser estudado enquanto um conjunto de mecanismos formais responsáveis pela sua produção (processos de produção) e com referência às condições de sua produção.

Se anteriormente reproduzi as reflexões de Pêcheux a partir da crítica feita sobre a dicotomia língua/fala, o que resultou na concepção de *discurso*, resta agora observar mais de perto a crítica sobre a exclusão do *não-semiológico* do campo da ciência linguística. Na opinião de Pêcheux, o conceito de não-semiológico é um equívoco em Saussure, pois fundamentado sobre uma relação necessária entre meios e fins. A língua, ao contrário, não estaria, necessariamente, ligada a um determinado fim. Em outras palavras, a língua seria um sistema semiológico que epistemologicamente equivaleria aos demais sistemas semiológicos. Entretanto, pelo termo *instituição* Saussure teria separado os sistemas institucionais políticos, jurídicos, etc. dos sistemas semiológicos, ou seja, a língua seria uma instituição semiológica enquanto que o sistema político seria apenas institucional.

A perspectiva de Pêcheux é, diferentemente da de Saussure, estudar o funcionamento linguístico incluindo o não-semiológico como pertinente ao linguístico. Com isso, o discurso seria definido em relação às condições de sua produção. A hipótese de Pêcheux é de que

"[...] a um estado dado das condições de produção corresponde uma estrutura definida dos processos de produção do discurso a partir da língua, o que significa que, se o estado das condições é fixado, o conjunto dos discursos suscetíveis de serem engendrados nessas condições manifesta invariantes semântico-retóricas estáveis no conjunto considerado e que são características do processo de produção colocado em jogo" (Pêcheux, 1990, p.79).

A partir da leitura da AAD é possível a afirmação de que a crítica de Pêcheux a Saussure proporciona que o primeiro estabeleça sua perspectiva de estudo e isso através da apresentação de uma outra forma de ver a linguagem, ou seja, enquanto *discurso*. O termo *discurso* encerra em si um grande percurso teórico que não percorrerei por julgar desnecessário para meus propósitos. No entanto, vale como elemento chave da crítica da teoria da AD à linguística. Soma-se a essa noção a discordância de Pêcheux a respeito da idéia de *sujeito* decorrente da atividade individual que é a fala, ou seja, trata-se da recusa da "liberdade" identificada em

Saussure. Isso é feito através da noção de *condições de produção* exposta em um quadro de formações imaginárias em que os sujeitos falam a partir de um jogo de imagens estabelecido entre os interlocutores e desses com o referente⁵.

Em um outro texto, datado de 1975 e escrito em co-autoria com Catherine Fuchs, Pêcheux apresenta uma revisão crítica da AAD. Aqui, a linguística, entendida "como teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação ao mesmo tempo", é integrada a um quadro epistemológico amplo constituído também pelo materialismo histórico e pela teoria do discurso ("como teoria da determinação histórica dos processos semânticos"), atravessados por uma teoria da subjetividade de cunho psicanalítico.

Minha questão de debate refere-se exatamente ao entendimento que os autores têm da região do conhecimento do quadro epistemológico denominada de *teoria linguística* e mais especificamente do que entendem por "processos de enunciação". Para essa resposta recorro ao próprio Pêcheux, que dedica uma parte de seu texto para tratar disso. Segundo ele, a dificuldade das teorias da enunciação está no fato de que tais teorias reproduzem a ilusão necessária constitutiva do sujeito, ou seja,

"[...] elas se contentam em reproduzir no nível teórico esta ilusão do sujeito, através da idéia de um enunciador portador de escolhas, intenções, decisões etc. na tradição de Bally, Jakobson, Benveniste" (Pêcheux e Fuchs, 1990, p. 175).

No entendimento dos autores, os processos de enunciação são determinações sucessivas pelas quais se constitui todo enunciado que tem a propriedade de colocar em evidência o "dito" e rejeitar o "não-dito". A enunciação, nesse sentido, seria a colocação de

⁵ O quadro das formações imaginárias é a sistematização do que Pêcheux entende por *condições de produção*, na época da AAD, obtida a partir do esquema informacional de Jakobson. O que era visto como uma mensagem perde, na AAD, o estatuto de informação transmitida para ser visto como um *discurso* enquanto efeito de sentido produzido entre interlocutores. A relação entre esses interlocutores se dá através de um jogo de imagens que designa o lugar do qual falam. Soma-se a isso, a imagem que fazem desse lugar e do referente, enquanto objeto imaginário e não como realidade absoluta. Optei por não apresentar na íntegra este quadro, pois as questões metodológicas ultrapassam os objetivos deste trabalho.

Para uma crítica ao quadro e à AD ver: COURTINE, J.-J. Quelques problèmes théoriques et méthodologiques en analyse du discours à propos du discours communiste adressé aux chrétiens. In: *Langage*, 62, jun. 81. Paris, Larousse; e COURTINE, J.-J., MARANDIN, J.-N. Quel objet pour l'analyse du discours?. In: *Matérialités discursives*. Lille, Presses Universitaires de Lille, 1981.

fronteiras entre o que aparece efetivamente no discurso e aquilo que se mantém rejeitado:

"[...] desse modo se acha, pois, desenhado num espaço vazio o campo de 'tudo o que teria sido possível ao sujeito dizer (mas não disse)' ou o campo de 'tudo a que se opõe o que o sujeito disse'." (Pêcheux e Fuchs, 1990, p.176).

O campo desse rejeitado apresenta-se com diferentes graus de consciência para o sujeito. Pêcheux denomina o efeito de ocultação do rejeitado de *esquecimento número 2*, identificando aí a fonte da impressão de realidade do pensamento para o sujeito.

Em termos de conclusão parcial dada com a ajuda da leitura desse segundo texto de Pêcheux, diria que a segunda grande crítica feita à lingüística do paradigma estrutural é a respeito da questão do sujeito que passa agora a ser redimensionada em um quadro materialista. Se esse já é um indicativo na AAD, através do quadro das formações imaginárias, em *A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas* (1975), torna-se explícito. O sujeito é, agora, assujeitado a uma ordem ideológica anterior.

Situados esses dois conceitos que são formulados na AD (discurso e sujeito) e tendo em vista a crítica que, através deles, é feita à lingüística resta ainda indagar: *como se coloca a AD frente à lingüística estrutural? Onde residem as diferenças?*

Em um texto com a preocupação de propor uma leitura histórica da AD, remetendo-a à conjuntura teórica de sua época, Gadet (et al., 1990)⁴ tenta circunscrever a concepção que Pêcheux tem da língua na AAD. Os autores consideram que a leitura empreendida por Pêcheux de Saussure e do estruturalismo é "[...] inteligente e pessoal, (que) faz realmente operar as noções saussurianas" (Gadet, 1990, p. 41) e sublinham que os reflexos dessa leitura podem ser sentidos em três perspectivas no interior do projeto original da AAD: no que tange à concepção geral de língua; na reflexão da oposição língua / fala e, finalmente, na noção de valor.

Quanto à primeira vale ressaltar a manutenção da idéia de sistema lingüístico. Trata-se na verdade do deslocamento, já efetuado por Saussure, do interesse sobre a *função* da língua para o de *funcionamento*. Pêcheux também estuda a língua enquanto funcionamento, embora este esteja vinculado às práticas sociais de caráter ideológico, questão que não é pensada por Saussure. Quanto à dicotomia língua / fala, Pêcheux opta pela reflexão de um dos seus

⁴ Ver GADET, F. et al. Apresentação da conjuntura em lingüística, em psicanálise e em informática aplicada ao estudo dos textos na França, em 1969. In: GADET e HAK. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

pólos: a fala. A dicotomia não é diluída, mas é desenvolvida uma crítica em relação a um certo idealismo do sujeito que é subjacente à fala. Nesse sentido, o discurso não estaria limitado a um dos pólos (a língua ou a fala), mas seria constituído em uma região intervalar. Por fim, a idéia de valor teria proporcionado a interpretação do par metáfora / metonímia, estipulado por Jakobson, como um "efeito metafórico".

Um outro ponto importante é a leitura de Pêcheux sobre as teorias da enunciação e, em especial, sobre a de Benveniste. A necessidade que vejo em situar esta leitura está no fato de que Benveniste é um lingüista que, apoiado pelas idéias do estruturalismo saussuriano, propõe-se a incluir o sujeito no objeto da lingüística⁵. Soma-se a isso, o fato de que, no texto de 1975, Pêcheux e Fuchs tenham apresentado a segunda região do conhecimento que constituiria o quadro epistemológico da AD sob o rótulo de uma teoria dos processos enunciativos.

Segundo Gadet (1990), "nenhuma das três referências a Benveniste mostra uma compreensão real da fenda aberta no estruturalismo pelo reconhecimento do papel da enunciação" (Gadet et al., 1990, p. 45). Para os autores, o desconhecimento de Benveniste é explicado teoricamente pela possibilidade que via Pêcheux em retroceder a uma visão idealista do sujeito, caso este fosse considerado como fonte de criação, livre dos embates ideológico-sociais. Entretanto, o texto de Gadet dá conta apenas da AAD, publicada em 1969, e não dos trabalhos posteriores. Em 1975, Pêcheux e Fuchs são claros quanto à teoria da enunciação de Benveniste. Para eles, Benveniste reproduz no nível teórico algo que é apenas aparente, ou seja, o sujeito como origem do significado⁶.

⁵ Não farei, aqui, uma revisão muito detalhada da teoria benvenistiana, e nem da crítica que a AD tem feito principalmente à idéia de subjetividade da teoria da enunciação, porque um maior aprofundamento em torno desse problema demandaria uma leitura mais detalhada da obra de Benveniste. Entretanto, adianto (sem que esteja em condições de justificar isso, nesse momento) que tenho grandes restrições à forma de encaminhamento das questões de enunciação na AD. Não penso que o recurso a uma teoria materialista do sentido seja adequada para se contrapor ao conjunto das idéias de Benveniste. Por enquanto, meu propósito é mais identificar a postura da AD frente à lingüística estrutural clássica, e em especial a de Saussure, para a partir daí derivar um encaminhamento de reflexão sobre o objeto da ciência (e, portanto, de seu estatuto) do que propriamente comparar teorias.

⁶ Abro um parêntese para dizer que a discordância que tenho quanto à postura da AD frente à teoria da enunciação, conforme anunciei na nota anterior, decorre do desconhecimento que a AD tem da teoria de Benveniste, atestado por Gadet (1990), e da suspeita que tenho quanto à prática de se questionar uma teoria exatamente por aquilo que não integra seu

Parece, então, correto afirmar que a crítica ao estruturalismo (e mais especificamente à lingüística estrutural) está presente na AD, mediada por uma reelaboração teórica e operacional. A postura de Pêcheux (e também a de Lacan)⁴ é a de colocar a linguagem como centro da ciência desmistificando-a de um caráter explicativo de uma realidade que preexiste (o homem-sujeito).

Retrospectivamente, busquei elementos no interior de alguns textos de Pêcheux que autorizem falar de uma postura crítica da AD em relação à lingüística estrutural. Para efetivar isso, recorri a passagens de dois trabalhos de Pêcheux (cuja importância é fundamental porque são a base da teoria) que fazem referências explícitas a Saussure, somando a elas algo em torno da questão da enunciação. Concluo, então, que a circunscrição do objeto da lingüística é questionada através da contraposição de conceitos que não são desenvolvidos na lingüística, mas também é necessário dizer que a AD concebe um objeto diferente daquele elaborado por Saussure. A seguir, minha preocupação será perceber que perspectiva teórica do conhecimento é mobilizada pela AD para efetivar o seu projeto como uma crítica à lingüística.

2.1 – Conhecimento e idealismo: da AD à ciência⁵

O advento da AD no cenário teórico não pode ser visto descontextualizado de sua época. É ilustrativo dessa época o quadro epistemológico apresentado por Pêcheux e Fuchs (1975), já que

objetivo de estudo. Ora, o idealismo criticado por Pêcheux não é comum à teoria da informatividade de Jakobson que é utilizada na formulação do quadro das formações imaginárias? Soma-se a isso o fato de que “idealista”, na obra de Pêcheux, ser tudo aquilo que não se desenvolve sob o projeto epistemológico althusseriano. Como não cabe, neste momento, um maior aprofundamento de tais questões, neste trabalho, tangenciarei sua complexidade, mas sublinho que elas integram minha pesquisa de doutoramento que busca, exatamente, um reforço da idéia de *sujeito de enunciação* para abordar o discurso indireto como um fenômeno que transcende uma análise lingüística imanente, sem comprometimento com uma semântica marxista.

⁴ A relação de Lacan com o estruturalismo e especialmente com o estruturalismo lingüístico é por mim estudada em outros trabalhos (cf. nota 2), entretanto, vale aqui a referência como uma indicação do percurso teórico que tenho feito na busca de uma epistemologia da lingüística saussuriana.

⁵ Minha intenção com este item é enfatizar que é sobre a crítica de um fazer científico que mobiliza um ideal de completude (e a lingüística é um exemplo) que Pêcheux consegue fundamentar filosoficamente a AD. Para tanto, os textos que serviram de suporte a esta interpretação estão em bibliografia anexa.

nele estão conjugadas as áreas do saber que viriam a influenciar toda uma geração de intelectuais. Na AD, verbaliza-se a crise da ciência da linguagem. O quadro epistemológico, cujo desenvolvimento é nitidamente althusseriano, representa o deslocamento do centro das ciências humanas – que antes era ocupado pela lingüística – para uma filosofia baseada no retorno a Marx, ou melhor, à leitura althusseriana de Marx. Ora, uma crise de paradigmas nunca é isolada, mas sempre é acompanhada de uma busca coletiva de alternativas de apreensão de uma realidade enquanto objeto de conhecimento. A lingüística não escapou a isso, e a AD parece ser a “voz” que verbaliza a crise do paradigma estrutural na lingüística.

Desse prisma, é possível afirmar que a ciência não tem uma história evidente e Pêcheux, consciente disso, retorna a essa história com uma reflexão sobre as motivações ideológicas da constituição de uma semântica idealista. Em *Semântica e Discurso*, Pêcheux é claro em buscar um questionamento em torno do idealismo sobre o qual se constitui a semântica. Pontua ele, através da leitura de A. Schaff, que as evidências são fundadoras. A evidência de que uma teoria do significado seria uma teoria lógico-matemática e o conhecimento, uma teoria da formalização das leis que possibilitam o pensamento, seria somada a evidência de que existem objetos, processos materiais, pessoas que falam, isto é, sujeitos a comunicar algo, enfim, soma-se a evidência de que as ciências humanas fariam de um objeto – o homem – com a linguagem e pela linguagem. Sobre isso, diz Pêcheux: “[...] nosso propósito é o de questionar as evidências fundadoras da ‘semântica’, tentando elaborar [...] as bases de uma teoria materialista” (Pêcheux, 1988, p. 20).

Ora, inspirado em Althusser, o que Pêcheux propõe é um deslocamento para uma semântica filosófica materialista, contestando a visão, na sua opinião ahistórica, fundadora do estruturalismo. Na AD, não há oposição entre o sistema (e entenda-se por isso estrutura), elemento passível de descrição abstrata, e a história. Acredito que opô-los seria admitir uma metafísica inexplicável, porque *a priori*, e, conseqüentemente, a lingüística seria uma explicação daquilo que é primeiro, ou seja o sistema. Seria, pois, inconteste a postura de que existiriam condições que possibilitariam o sistema não sendo elas mesmas possíveis de serem explicadas.

Isso é tudo o que Pêcheux quer negar ao sugerir um estudo da linguagem a partir do quadro epistemológico antes apresentado. Uma semântica de base materialista tem o papel de apresentar a contradição explicável/inexplicável, em linguagem, como um

efeito de práticas sociais inscritas em determinados aparelhos ideológicos de uma formação econômico-social. A contradição não se repete porque, tomada como efeito, teria um caráter ideológico. O objetivo da AD é “compreender como aquilo que hoje é *tendencialmente* ‘a mesma língua’, no sentido lingüístico desse termo, autoriza funcionamentos de ‘vocabulário-sintaxe’ e de ‘raciocínios’ antagonistas [...]” (Pêcheux, 1988, p. 26) [grifos do autor].

Retorno aqui à crítica feita por Pêcheux às evidências sobre as quais a lingüística se apoia. A evidência de que a linguagem comunica através de palavras com sentidos incontestes, “informações” sobre objetos e coisas e em relação subjetiva (ou não) constituem, na verdade, um modelo abstrato universal produzido pela sociedade capitalista. A lingüística, ao encerrar-se no seu objeto, ignorou os aspectos sociais ou os abordou como uma psicossociologia que nada mais é do que a reprodução teórica do idealismo sobre o qual ela se constituiu.

Pêcheux faz da crítica ao logicismo da lingüística o ponto de conversão a partir do qual se justificaria uma semântica filosófica marxista. O alvo é o corte efetuado por Saussure. A dicotomia língua/fala reconduz a semântica a um substancialismo e a um subjetivismo porque subjaz a ela a oposição kantiana contingente/necessário através da qual se recupera a operação de juízo de um sujeito. À língua liga-se a idéia de sistema, à fala, a de criatividade. Para Pêcheux, “Saussure deixou aberta a porta pela qual se infiltraram o formalismo e o subjetivismo; essa porta aberta é a concepção saussuriana de que a idéia só poderia ser, em todo seu alcance, subjetiva, individual” (Pêcheux, 1988, p. 60).

Trata-se, na opinião de Pêcheux, de um empirismo em semântica. Assim, justifica-se a oposição, percebida em Saussure, da subjetividade como uma sistematicidade extralingüística à objetividade, também sistemática, da língua.

Em resumo, Pêcheux situa em dois pontos a sua crítica à semântica estrutural¹¹: o primeiro diz respeito ao fato de que se postula a existência de um cálculo passível de determinar uma combinatória semântica para o sentido do enunciado; o segundo refere-se à teoria da enunciação, enquanto teoria de um sujeito produtor de sentidos em uma dada situação. No primeiro caso, a limitação ao sistema impede que o contexto seja contemplado já que ele

seria exterior a esse sistema¹². No segundo caso, a enunciação além de teorizar sobre o ideal de um “sujeito que fala em uma situação”, atribuindo conteúdos psicológicos ao enunciado (é o caso das modalizações), também centraliza este sujeito na base desse enunciado. Na opinião de Pêcheux, este contexto teórico em que se opõe sistema/sujeito é circular, embora reivindique, em um discurso ideológico, a marca do desenvolvimento.

2.1.1 – Materialismo, conhecimento e lingüística

Na visão de Henry (1992), a transformação do que se pode considerar *ciência e objeto*, na história das ciências, decorre da consolidação das posturas materialistas em epistemologia. Em Saussure, verifica-se que a dicotomia língua/fala, ao proporcionar o retorno da subjetividade e do sentido, é uma contradição (no sentido materialista do termo) que autoriza a cientificidade da lingüística e a materialidade da língua. Henry (1992) diz que, a esse respeito, é possível reconhecer uma ambigüidade ligada às preocupações epistemológicas de Saussure. A ambigüidade se dá sobre o fato de que ao mesmo tempo que a atividade do sujeito é excluída do objeto da ciência, nele volta sob a forma de consciência e compreensão no estudo da analogia.

Esses três elementos – sujeito, sentido e materialidade da língua – articulados são a forma de uma contradição entre objeto real e objeto do conhecimento, em lingüística. A materialidade da língua subjaz à

[...] contradição que Saussure articula com as oposições da língua e da fala, do coletivo e do individual, do social e do psicológico, do essencial e do acessório, do homogêneo e do heterogêneo, do todo unificado e do diverso, etc...” (Henry, 1992, p. 15).

Ao falar de *objeto real e objeto do conhecimento*, em lingüística, Henry quer destacar a diferença material entre ambos. O objeto de conhecimento tem uma história que pertence à história da ciência na qual está inserido que, no caso da lingüística, reside no confronto das teorias e das práticas que o tornaram possível. Assim, a contraditoriedade se revela na relação entre objeto de conhecimento e a apropriação do real. Tal relação não faz parte da essência das coisas, mas está no interior do processo de produção do conhecimento enquanto processo histórico.

¹¹ Na verdade, parte desses pontos poderiam ser estendidos às pesquisas semânticas em lingüística gerativa, entretanto, tal procedimento não será adotado aqui (cf. nota 2).

¹² A tentativa de inserir o contexto e a situação em uma descrição estrutural pode ser verificada pela oposição sema/virtuema em uma teoria como a de Pottier, por exemplo. Entretanto, o virtuema não tem, nesta perspectiva, o estatuto sistemático fechado, comum ao “sema”.

Na prática da ciência, a apropriação dessa relação remete às formações ideológicas que possibilitaram essa apropriação. Na lingüística, isso se manifesta sob a forma de limites teóricos. O sujeito, no processo de apropriação da contradição, só pode intervir enquanto categoria no sentido de que as formações ideológicas constituem indivíduos concretos em sujeitos.

Recorri, não integralmente¹¹, às idéias de Paul Henry para somá-las com as de Pêcheux na tentativa de elucidar o papel do materialismo na produção de conhecimentos em lingüística. Assim, diria que a discussão de Henry (1992) externaliza-se, para Pêcheux, sob a forma de uma contradição entre determinação sistêmica e determinação não-sistêmica. A AD não se preocupa em resolvê-la, mas em problematizá-la no confronto com uma teoria das formações sociais.

Dessa maneira, o objeto *língua*, compreendido como um sistema dotado de leis relativamente autônomas, é contraposto ao *processo discursivo*, este visto não como a utilização acidental do sistema, mas como um sistema de formações ideológicas (de classe) que definem a existência do *discurso*. A língua, nessa concepção, passa a ser o lugar *material* dos confrontos sociais e a condição de se atribuir aos discursos determinados efeitos de sentido.

2.1.2 – Língua e impossibilidade

Em um outro trabalho importante¹², Gadet e Pêcheux (1984) fazem uma leitura da obra saussuriana, para situar a relação entre o real e o equívoco¹³. Optei por citá-los somente agora porque, diferentemente das obras anteriores, Pêcheux, aqui, não se preocupa em fazer uma crítica limitada aos princípios althusserianos, mas,

¹¹ Na verdade, o objetivo mais amplo de Henry (1992) é discutir o modo de apropriação da contradição objeto real-objeto do conhecimento como forma de mostrar que isso escapa à categoria de sujeito ao mesmo tempo que se realiza na prática científica e como a linguagem intervém aí. Não me detive mais no trabalho de Paul Henry porque, para meus objetivos, basta sublinhar a intervenção da contradição, enquanto categoria, como base da crítica empreendida por Pêcheux.

¹² GADET, F., PÊCHEUX, M. *La lengua de nunca acabar*. México: Fondo de Cultura Económica, 1984. Esta é a tradução em espanhol do conhecido *La langue introuvable* (1981).

¹³ Esses termos não serão desenvolvidos detalhadamente aqui. Entretanto, assinalo que seu uso no contexto do livro de Gadet & Pêcheux está ligado ao conceito de *Lalangue*, cunhado por Lacan na psicanálise e aplicado à lingüística por J.C. Milner em seu *Amor da língua* (1987), e tem o sentido de falhas, sem existência lógica, que atravessam a língua e nela se manifestam em casos como os do ato falho (*lapsus*).

de outro ponto de vista, e enfatizando o conceito de *valor*, tenta mostrar os erros cometidos quando se lê Saussure.

Gadet e Pêcheux falam, em forma de interrogação, da existência de “dois Saussure”¹⁴. Essa interrogação tem o objetivo de colocar em pauta a contraposição entre as idéias presentes nos *Anagramas*¹⁵ e no *Curso de lingüística geral*. Para os autores, qualquer apresentação da teoria saussuriana tem implicado, quanto às duas obras, definir posição sobre as condições históricas de cientificidade da lingüística. Isso, porque o paradoxo que se instaura ao se aceitar “dois Saussure” se repete no interior da configuração teórica da lingüística sob a forma de elementos contraditórios (língua/linguagem; arbitrariedade/valor; sociologismo/formalismo, etc.).

A tomada de posição, quanto à cientificidade da lingüística, se revela na apresentação que é feita das idéias de Saussure. Geralmente, se considera a arbitrariedade da relação significante/significado do signo lingüístico como o centro da teoria. A língua, enquanto um sistema de signos, está submetida ao princípio de arbitrariedade que “traduz esse efeito constitutivo de convenção que as ‘relações sociais’ impõem à linguagem” (Gadet e Pêcheux, 1984, p. 54) [grifo dos autores]. O signo lingüístico, visto como uma constituição binária, tem a especificidade de ignorar qualquer elo natural entre seus termos.

A partir disso, é possível (e é isso que geralmente se faz) considerar as relações opostas do sistema como uma estrutura equilibrada em que um elemento está em constante relação com os demais. À estrutura é atribuído um certo poder de “(re)estruturação” cuja conseqüência é a admissão de uma “potencialidade criadora interna do sistema” (p. 55) que permite ver a dicotomia língua/fala como um equilíbrio que (co)existe na realidade do sujeito falante.

Por outro lado, Gadet e Pêcheux dizem que o conceito de *valor*, conforme seja relacionado ao equilíbrio do sistema – é o caso do *Curso* – ou, ao contrário, conforme seja desconsiderado em prol de uma combinatória alheia à noção de *valor* – como é o caso dos *Anagramas* – proporciona duas interpretações mutuamente excluídas: na primeira, ligada à valorização do conceito, o *valor* seria apenas uma conseqüência deduzida do sistema; na segunda, liga-

¹⁴ As questões abordadas pelos autores ultrapassam os objetivos circunscritos em meu trabalho, assim, tratarei apenas do capítulo “Dos Saussure?” mesmo sabendo da conseqüente redução que tal procedimento implica.

¹⁵ Para uma detalhada apresentação dos *Anagramas* de Saussure ver: STAROBINSKI, Jean. *As palavras sob as palavras: os anagramas de Ferdinand de Saussure*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

da à desvalorização do conceito, o *valor* é rejeitado em favor de uma concepção lingüística anagramática. Na opinião dos autores, essa oposição é maniqueísta e conduz ao enfrentamento dos “dois Saussure”: “[...] o saussurianismo não se divide dessa maneira: o que aparece assim na lingüística tem que ver precisamente com a relação entre o diurno e o noturno, entre a ciência e a poesia (inclusive a loucura)” (Gadet e Pêcheux, 1984, p. 56). Segundo eles, esta relação não pode ser concebida sem se considerar as duas faces da obra de Saussure sob a perspectiva dominante da noção de *valor*.

Gadet e Pêcheux, referindo-se ao artigo “A natureza do signo lingüístico”⁵ de Benveniste, dizem que este autor restitui à noção de *valor* a sua principal função dentro do sistema saussuriano. O raciocínio de Benveniste mostra que a união entre significante e significado é uma necessidade que constitui o ponto de partida da lingüística e não uma arbitrariedade, característica esta somente perceptível na relação signo/realidade. A questão da “arbitrariedade absoluta” está fora do escopo da lingüística, entretanto, faria parte de seu domínio a “arbitrariedade relativa” cujo estudo deveria dar conta do signo em relação com outros signos⁶.

Pensar a noção de *valor* como a base da teoria de Saussure equivale a conceber o signo fora da realidade, mas dentro de um jogo opositivo e diferencial que é a língua, enquanto uma “rede de diferenças sem termo positivo” (p. 58).

Até aqui, reproduzi as formulações dos autores para apresentar aquilo que considero uma outra forma de Pêcheux ver a teoria saussuriana. Segundo eles,

“conceber o não dito, o efeito *in absentia* da associação, em sua primazia teórica sobre a ‘presença’ do dizer do sintagma; (é conceber que) o não dito é constituinte do dizer, porque o todo da língua não existe senão sob a forma não finita do ‘não todo’, efeito de *lalangue*” (Gadet e Pêcheux, 1984, p. 58) [grifos dos autores].

⁵ Ver: BENVENISTE, E. *Problemas de lingüística geral I*. Campinas: Pontes, 1988.

⁶ Os conceitos de “arbitrariedade absoluta” e “arbitrariedade relativa” são desenvolvidos no capítulo VI da segunda parte do *Curso de lingüística geral*. Gadet e Pêcheux observam, na verdade, a importância dessa oposição e sua ocultação relativa nos trabalhos sobre Saussure. É conhecida a discussão, neste ponto, em torno da questão da motivação na linguagem principalmente quando se trata de onomatopéias e exclamações. Ora, Saussure é severo ao propor a arbitrariedade como princípio da organização da língua enquanto sistema de signos. Basta que se veja “rudimentos” de motivação para que o objeto semiótico deixe de ter estatuto de signo para figurar entre aquilo que Saussure denomina (e pouco trata) de símbolos.

A proposta dos autores é considerar os trabalhos de Saussure – *Anagramas e Curso* – em conjunto. Assim, o poético (reflexão anagramática) passa a ser apresentado como uma propriedade inerente à língua e o lugar do *valor* (elemento do *Curso*) passa a ser “o de uma sistemática capaz de subversão, donde, em última instância, qualquer coisa pode ser representada por qualquer coisa” (p. 59). A consequência disso é que a língua impõe uma ordem negativa ao pensamento é “aí onde o registro do inconsciente liga-se à ciência da linguagem” (p. 60)⁷.

Parece adequado, a partir do que foi exposto, neste item, pensar em uma outra forma de ver a teoria saussuriana, buscando nela elementos que permitem a discussão de novas questões que, se não foram pensadas pelo mestre, não invalida suas idéias. Para concluir, cito as palavras dos autores: “Saussure não resolve a contradição, invisível antes dele, que une a língua com *lalangue*: o que faz é expô-la e torná-la visível.” (Gadet e Pêcheux, 1984, p. 62) [grifos dos autores].

3 – DO QUE RETORNA À LINGÜÍSTICA

A partir do que foi exposto parece seguro situar a AD dentro de um processo que se desenvolveu na busca de uma epistemologia totalizante baseada em Althusser. Especificamente, no que se refere à lingüística, a teoria althusseriana influenciou uma série de trabalhos cujo objeto, quase sempre restrito ao discurso político, era balizado pela compreensão da reprodução ideológica inerente a todo o discurso.

A lingüística, entretanto, não se deixou cativar (ao menos não integralmente) pela sedutora proposição de uma teoria que era tida como o próprio meio de totalizar o contingente e o necessário para além das divisões disciplinares. A prova disso é que, nessa mesma época, testemunha-se, nos Estados Unidos, o apogeu do gerativismo chomskyano e da sociolingüística laboviana e, na Europa, a lingüística enunciativa, fortemente influenciada por Benveniste e pela filosofia analítica de Oxford, desenvolve-se na busca de uma releitura do mesmo quadro estrutural tão severamente criticado pela AD, como é o caso da teoria de Ducrot.

⁷ Não discutirei a pertinência da noção de valor relacionada à de inconsciente, entretanto, indico que isso é retomado em outros trabalhos meus (cf. nota 2) e discutido por ARRIVÉ, M. *Lingüística e psicanálise*: Freud, Saussure, Hjelmslev, Lacan e outros. São Paulo: EDUSP, 1994.

Essa conjuntura exige uma detida interpretação. Se de um lado a crítica iniciada por Pêcheux, que é a única detidamente destacada aqui, exigiu uma volta ao núcleo da ciência, por outro lado, a limitação a um quadro materialista parece não atender à pretensão análise do fenômeno lingüístico em todas as suas manifestações. A crença em uma teoria de base materialista leva à desconsideração de problemas que dizem respeito diretamente à lingüística. A crise do materialismo dialético é talvez o sintoma de uma crise da AD. Ilustrativo disso é o depoimento de Claudine Normand sobre os althusserianos: "Houve certamente, entre outras razões, a consciência de um impasse teórico, e uma enorme decepção política. São pessoas que acreditaram tanto na onipotência da teoria que não puderam superar isso." (Normand, apud Dosse, 1994, p. 431).

De minha parte, acredito que estão reunidos os elementos que permitem voltar à questão inicial deste texto, ou seja, sobre a crítica que a AD faz à lingüística estrutural e o seu retorno à lingüística.

O fato de a AD conceber o discurso como algo que está fora do eixo língua/fala e de propor um conceito de sujeito desvinculado daquilo que considera uma onipotência idealista impõe à lingüística uma revisão de seus fundamentos, principalmente no que tange ao quadro teórico que deve ser mobilizado por uma teoria semântica da linguagem. Parece-me que a máxima saussuriana – "o ponto de vista cria o objeto" – retorna agora em uma nova perspectiva, qual seja, de que a necessidade de abordar um determinado fenômeno lingüístico exige a recorrência a uma exterioridade não contemplada pela ciência. Assim, fazer lingüística – e, especificamente, semântica lingüística – é perceber a exterioridade não como um "além" do objeto, mas como constitutiva dele.

Isso, entretanto, não deve levar a crer (e em nenhum momento sugeri isso) que a lingüística deva abdicar do caráter estrutural de seu objeto. Utilizo o termo *estrutural* no sentido de Ducrot, isto é, para ele,

"ser estruturalista, no estudo de um domínio qualquer, é definir os objetos deste domínio uns em relação aos outros, ignorando voluntariamente aquilo que, na sua natureza individual, se define apenas em relação aos objetos de outro domínio. Admita-se, assim, que algumas de suas relações mútuas não são uma conse-

²¹ Meu objetivo, neste texto, é iniciar uma leitura epistemológica da lingüística a partir das críticas oriundas da AD, motivo pelo qual não estarei detido nas limitações (inúmeras) do quadro sobre o qual se assenta a teoria de Pêcheux. Para uma leitura questionadora da AD ver: POSSENTI, S. Esboço de uma epistemologia da análise do discurso. In: *Linguagem, estilo e subjetividade*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

quência da sua natureza, mas que elas a constituem" (Ducrot, 1987, p. 67).

Em outras palavras, a semântica deve ser estrutural porque o retorno do excluído à teoria que o excluiu passa a ser agora parte do objeto, porque identificado nele.

Nesse sentido, a AD contribui para uma análise lingüística sempre do prisma da necessidade de dar conta das relações ideológicas que se materializam sob a forma das evidências questionadas por Pêcheux (e isso é bastante verificado em discursos políticos). No entanto, recuso a possibilidade de submeter todos os problemas da lingüística ao quadro marxista. Meu ponto de vista é mais o de situar o quadro da AD dentro de uma contingência da análise do que de uma necessidade.

A AD busca (e é necessário raticar) uma nova compreensão da linguagem para além do aspecto dicotômico definido por Saussure. A língua, assim, deixa de ser vista como um sistema ideologicamente neutro para ser entendida na realidade do discurso, ou seja, materialidade atravessada por posições subjetivas e sociais. O conceito de *discurso* é a chave para contemplar a articulação entre o fenômeno lingüístico formal e os processos ideológicos de constituição semântica. Se isso antes poderia ser considerado como não-pertinente (extralingüístico) passa, agora, admitida a crítica de Pêcheux, a integrar o objeto (discurso) porque é parte constitutiva dele, já que seu estudo deve se dar a partir das condições histórico-sociais em que fora produzido.

Assim, o retorno da crítica da AD à lingüística poderia, em linhas gerais, se dar em duas alterações, mas não restritas ao materialismo:

- a) da concepção de objeto, dado que aquilo que era considerado exterior a ele passa a integrá-lo constitutivamente
- b) da concepção de teoria, já que na estrutura do objeto estariam marcadas as relações que exigiriam o recurso a um quadro teórico mais amplo.

A crítica apressada a estas duas alterações diria que elas poderiam conduzir a um relativismo do objeto e, conseqüentemente, a um constante movimento de busca teórica nem sempre epistemologicamente adequado. Entretanto (e isso já é uma resposta), reitero o aspecto estrutural do objeto. Não tem sentido fazer intervir um elemento que não pertença ao conjunto de relações da língua. Em outras palavras, a intervenção de aspectos ditos "exteriores" só faz sentido se forem definidos na estrutura lingüística. Afinal não

²² A nota 1 talvez adquira aqui maior pertinência, já que é o argumento sobre o qual desenvolvi todos os aspectos desse texto.

é isso que Pêcheux sugere ao manter a idéia de *base lingüística* para sobre ela falar de *processos discursivos*?

Tal oposição, em Pêcheux, é exatamente o argumento de que preciso para recusar a interpretação que chamei de "apressada", no parágrafo anterior. Para o autor, todo sistema lingüístico, entendido como o conjunto de regras fonológicas, morfológicas e sintáticas, tem uma *autonomia relativa*, isto é, leis internas que constituem o objeto da lingüística. O que o lingüista não pode ignorar é que tais mecanismos são, na verdade (e na opinião de Pêcheux), decorrentes daquilo que já foi considerado uma filosofia idealista de ciência.

Transpondo isso para minha proposta, diria que faz parte do objeto da lingüística, e isso também em semântica, *todo fenômeno que se dá sobre uma base lingüística e que por ela tem existência*. Não é mais possível, nessa concepção, pensar numa exterioridade do objeto. O "exterior" não está fora, mas constitui o objeto. Da mesma forma, o referencial teórico para contemplar tal fenômeno seria sempre o produto de uma *articulação* entre teoria lingüística e uma teoria que intervenha estruturalmente no objeto²⁴. A AD, na leitura que fiz, permite esses deslocamentos, no entanto, limita-se ao ponto de vista do materialismo.

Somo a essas conclusões os problemas levantados por Gadet e Pêcheux (1984) sobre a relação entre os *Anagramas* e o *Curso*. Portanto, pergunto: aquilo que fazem os autores a respeito do texto de Saussure para dele derivarem uma relação entre *língua* e *lalangue* não é exatamente o que sugiro?

Conclusivamente, diria que a crítica da AD sobre a lingüística clássica é fundamental para se pensar uma teoria da linguagem que perceba seu objeto enquanto uma heterogeneidade de fenômenos. Realmente, o entendimento restrito e a busca de uma matematização da lingüística, seja na vertente lógica ou na funcionalista, são insuficientes, senão inadequados, para uma pretensa totalidade do aspecto semântico da linguagem. Conforme se faça intervir, na análise dos fatos da linguagem, questões de cunho sócio-ideológico, psicanalíticos, etc., a semântica se altera.

²⁴ Pêcheux (1988) faz a seguinte pergunta: "Como devemos, [...], conceber a intervenção da filosofia materialista no domínio da ciência lingüística?" (p. 89). Em resposta, diz que tal intervenção não consiste em fornecer resultados, mas em *abrir campos de questões* da lingüística sobre o seu próprio objeto na relação com objetos de outros domínios e, em especial, a ciência das formações sociais. Nesse caso, "a língua se apresenta, [...], como a *base* comum de processos discursivos diferenciados [...]" (p. 91).

²⁵ POSSENTI (1988) fala de "teorias auxiliares", entretanto, não é este o sentido que quero imprimir ao propor a alteração *b*, pois não se trata aqui de uma soma de quadros teóricos, mas efetivamente de articulação.

Assim, com a perspectiva aberta pela AD, embora limitada ao marxismo, torna-se pertinente prever uma constante interação da lingüística com outros domínios, contanto que a intervenção destes esteja estruturalmente presente no objeto.

Bibliografia²⁶

- DOSSE, F. *História do estruturalismo, V.I: o campo do signo, 1945-1966*. São Paulo: Ensaio: Campinas, São Paulo: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1993.
- . *História do estruturalismo, V.II: o canto do cisne de 1967 aos nossos dias*. São Paulo: Ensaio; Campinas, São Paulo: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1994.
- DUCROT, O. *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes, 1987.
- GADET, F. et al. Apresentação da conjuntura em lingüística, em psicanálise e em informática aplicada ao estudo dos textos na França, em 1969. In: GADET & HAK. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.
- GADET, F. *La lengua de nunca acabar*. México: Fondo de Cultura Económica, 1984.
- HENRY, P. *A ferramenta imperfeita: língua, sujeito e discurso*. Campinas, Editora da UNICAMP, 1992.
- HENRY, P. Os fundamentos teóricos da 'Análise automática do discurso' de Michel Pêcheux (1969). In: GADET & HAK. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.
- PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso (AAD-1969). In: GADET, F., HAK, T. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas, Editora da UNICAMP, 1990. (Coleção Repertórios)
- . *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1988.
- . Delimitações, inversões, deslocamentos. In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. Campinas, (19), jul./dez. 1980.
- . Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, E. P. (org.). *Gestos de leitura: da história no discurso*. Campinas, Editora da UNICAMP, 1994. (Coleção Repertórios)
- . A análise de discurso: três épocas (1983). In: GADET, F., HAK, T. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas, Editora da UNICAMP, 1990. (Coleção Repertórios)
- PÊCHEUX, M., FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, F., HAK, T. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990. (Coleção Repertórios)
- SAUSSURE, F. *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix, 1975.
- STAROBINSKI, J. *As palavras sob as palavras: os anagramas de Ferdinand de Saussure*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

²⁶ Optei por não repetir, neste item, a bibliografia já referida, em nota, no curso do texto.